

Arte para todos

VANDRO CARLOS NICOLAU

FACES diversas da Arte

Difere-se da natureza o ser humano, mas deixa de fazer parte dela? O papel é feito usando fibras vegetais, a tinta vem dos minerais e apesar de termos os materiais não temos ainda a pintura. Assim como da planta do algodão se consegue o fio que produzirá o tecido, e a mão da costureira o transforma em roupa, a farinha de trigo e o molho do tomate viram macarrão pela habilidade de um cozinheiro. Observação e interação permitem que consigamos transformar a natureza de maneira a tecermos, a partir da matéria bruta, um fio que nos conduz desde o material até o espiritual.

O que faz com a humanidade se distinga da natureza é a sua capacidade modificá-la, criando e colocando novas formas no mundo. A descoberta de que se você enterrar uma semente ela gerará uma planta que lhe dará alimento, e que, portanto, é possível repetir a ação e assim planejar uma lavoura, transforma toda a vida primitiva. Ter tempo para viver sem se preocupar com a sobrevivência imediata gera um novo tipo de sociedade, que ao invés de estar em constante movimento em busca de comida, pode agora se fixar em um determinado local e prover suas necessidades. As diversas habilidades humanas, como fazer objetos utilitários de argila (cerâmica)*, aparecem e desenvolvem-se ao longo da história da civilização, chegando até a invenção dos chips de computadores ou das fibras óticas de transmissão de energia (que também são cerâmicas), recebendo o nome de tecnologia. Para os gregos a *tecné*, ou seja, a técnica era o conceito usado para a idéia de arte. Para os latinos o seu nome era *ars*, ação, referindo-se

ao agir transformando a natureza. Mas, para o ser humano, não interessa que se faça apenas um objeto útil, é preciso que haja algo além. O copo que compro na loja deve ser criado por um *designer*, tem que ter algo de diferente, uma forma inusitada, um pouco do que se chama arte. Não basta que a habilidade transformadora sirva para facilitar a vida e torná-la melhor. Além do corpo, a espécie humana tem uma necessidade enorme de alimentar o espírito. Esse é um ponto de eclosão da arte.

Por exemplo, as culturas indígenas têm uma preocupação em "enfeitar" tudo, e fazem desenhos e pinturas em todos seus objetos utilitários e até sobre seus próprios corpos. Exemplo máximo de sofisticação da arte pré-colonial brasileira é a cerâmica Marajoara 1., e não se pode deixar de citar a pintura corporal dos índios Kadiweus 2. do Mato Grosso do Sul.

O objeto artístico pode ter uma função prática chamada de utilitária, mas também poder ser algo que apenas tenha por objetivo cuidar daquilo que está no âmbito das sensações, dos sentimentos, do pensamento puro. Assim, há um elo de ligação, que é quase imperceptível,

entre o mundo que podemos tocar e o mundo que apenas se manifesta na fantasia, no universo interior de cada um.

Quando o mestre do renascimento italiano Giotto 3. pinta "Lamento sobre o Cristo morto", lança mão de toda uma técnica de pintura (afresco)* acumulada por anos, junto de suas próprias descobertas como artista, para transmitir o momento da morte de Cristo e a dor de Deus e da humanidade naquele instante.

A orelha cortada, expressa no "Auto-retrato com orelha enfaixada" de Vincent Van Gogh 5., representa a existência do homem em meio à primeira fase da industrialização mundial e o início da supervalorização da técnica em oposição ao abandono dos valores humanos, consumidos como combustível pela nova sociedade baseada na produção das máquinas.

E, já que o início do século XX é determinado pela definitiva mudança da sociedade rural para a industrial, por que um objeto industrial (utilitário) não pode ser arte? O francês Marcel Duchamp 6. fez essa pergunta, e de maneira peculiar, num momento político e social crucial da arte europeia. Depois de ter seus qua-

dro recusados no salão de arte da França decide enviar à exposição um urinol, batizando o objeto de "A fonte". Essa ação fez com que se abrisse um debate no universo das artes que não se encerrou até os dias atuais.

A manipulação da natureza e a consequente interferência do ser humano na composição do mundo visível mostram que ciência e arte caminham juntas. Separando-se apenas no instante em que uma pode ser repetida através de um método que quer um resultado objetivo e a outra teima em tornar-se mistério, em mexer com os sentimentos, possuindo múltiplas interpretações, tendo características únicas embora a procura de resultados diversos. A técnica está presente nas duas áreas, afinal é a maneira que temos de materializar uma idéia, só que a ciência necessita ser pragmática com os resultados e a arte não.

* A cerâmica é uma técnica de produção de objetos, a partir da modelagem ou escultura em argila úmida que posteriormente é queimada se tornando rígida. Existente desde a pré-história é a principal maneira de construir utensílios e objetos místicos ou sagrados das culturas primitivas, sendo usada até os dias atuais, tanto na arte quanto em produtos de tecnologia avançada.

* Pintura realizada em paredes ou tetos rebocados, enquanto a argamassa ainda está úmida, o afresco é uma técnica de pintura ancestral que atinge seu maior desenvolvimento entre os séculos XIII e XVI durante o renascimento italiano. Usando pigmentos moídos ou granulados misturados com água, esse tipo de pintura tem a característica de secar bastante rápido, fazendo com que o artista tenha que ser rápido e o obrigando a não cometer erros durante a execução da obra.

1. Urna funerária marajoara, usada para enterrar os mortos.

A arte produzida por povos indígenas pré-históricos da Amazônia, denominada de arte Marajoara, é encontrada sobre as planícies alagadas da Ilha de Marajó, no estado do Pará, localizada no delta do rio Amazonas. Não se sabe quase nada sobre esta civilização, que não tinha escrita e desapareceu pouco antes da chegada dos europeus no Brasil. O fato é que esta população produziu uma arte com uma estética e uma técnica das mais requintadas da humanidade. Compunha-se principalmente de urnas funerárias, a cerâmi-



5. Auto-retrato com orelha enfaixada, óleo sobre tela 60x49 cm. 1889, Courtauld Institute Galleries, Londres, Inglaterra.

O artista holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) é um dos artistas precursores do modernismo. Sua vida é marcada por uma série de dificuldades existenciais. Acometido de problemas psíquicos (sofria de

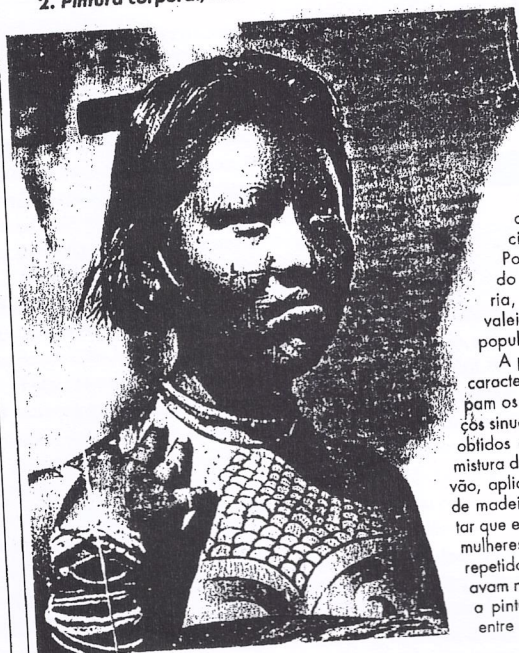


ca marajoara possui um estilo de linhas sinuosas e labirínticas, com alto grau de abstração, porém, por vezes, aparecem entre os padrões gráficos animais da floresta como a cobra, o jacaré e outros. Essa arte, por meio uma linguagem iconográfica, comunicava sobre a ordem do universo, das relações entre humanos e animais e sobre os papéis sociais de gênero e status.

Embora essa cultura tenha desaparecido há mais de 600 anos, ainda hoje são descobertos novos sítios arqueológicos repletos de objetos artísticos na Ilha do Marajó, o que demonstra a riqueza cultural dos marajoaras.



2. Pintura corporal, foto Guido Boggiani, 1892

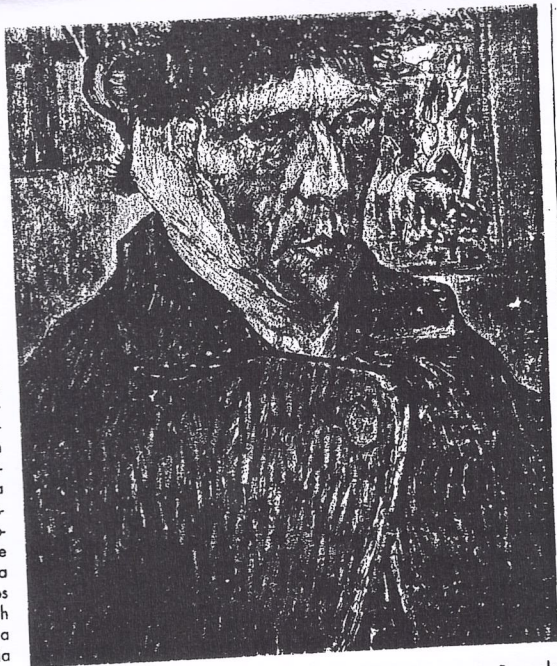


A pintura corporal dos índios Kadiwéus é uma das mais notáveis e ricas expressões da arte indígena brasileira. Esses índios tinham seu território localizado nas serras que separam os rios Paraná e Paraguai, na divisa entre o estado de Mato Grosso do Sul e o Paraguai. Conhecidos no passado pela resistência guerreira aos colonizadores Portugueses e Espanhóis, dominando inclusive a habilidade da montaria, sendo chamados de índios cavaleiros, os kadiwéus são hoje uma população bastante reduzida.

A pintura corporal dos Kadiwéus se caracteriza por finos desenhos que estampam os rostos e os corpos. Possuindo traços sinuosos e simétricos, os grafismos são obtidos de uma tinta que é resultado da mistura de suco de jenipapo com pó de carvão, aplicada na pele com uma fina lasca de madeira ou taquara. Interessante ressaltar que essa arte era executada apenas por mulheres, e, embora se utilizassem padrões repetidos, as artistas mais habilidosas criavam novas ornamentações. No passado, a pintura corporal marcava a diferença entre nobres, guerreiros e cativos.

esquizofrênia), produziu uma arte extremamente expressiva, onde o seu mundo interior fica evidente pelo uso da deformação e das cores puras. Sobrevivendo graças a ajuda de seu irmão Teo Van Gogh, o artista nunca vendeu sequer um quadro em vida, apesar de atualmente suas obras estarem entre as mais valiosas do mundo.

Mergulhado num contexto onde a sociedade industrial baseada na produção de mercadorias, dá início ao capitalismo mundial, Van Gogh sente, como artista, toda a insegurança dessa nova fase da história europeia. No autorretrato (gênero de arte onde o artista retrata a si próprio) que estamos mostrando, Van Gogh está com uma atadura na cabeça, pois havia cortado a própria orelha durante uma crise de loucura. Com sua vida marcada por uma série de incompreensões pela sociedade da época, Van Gogh suicidou-se aos 37 anos de idade, depois de passar por várias internações em hospitais psiquiátricos.



6. A fonte, 1917, réplica, porcelana, 33,5 cm. Indiana University Arte Museum, Bloomington.

Vindo de família de artistas, um dos precursores do dadaísmo e sendo o irmão, onze anos, mais jovem de Jacques Villon, artista conhecido dos salões de arte da França, Marcel Duchamp (1887-1968) cria um mal estar no sistema das artes no início do século XX. Tendo suas obras recusadas pelo Salão Arte, Duchamp se pergunta quais são os critérios e quem são as pessoas que definem o valor de uma obra de arte. Apesar de não participar do salão como artista Marcel Duchamp faz parte do júri da exposição e, com o pseudônimo de R. Mutt, inscreve para participar do evento uma peça de banheiro, um urinol, o batizando de "A fonte". Essa ação repercutiu na imprensa da época sendo um escândalo que inicia um modo novo, e crítico, de abordagem artística desde então. Duchamp passa a ser considerado posteriormente o fundador da arte conceitual (baseada apenas numa ideia), produzindo obras que se apropriam de objetos do cotidiano, os chamados readymades (já prontos). A única ação que o artista faz é tirar do seu contexto original o objeto, lhe dando um novo nome e o expõe em um lugar destinado às artes, mudando, portanto seu uso tradicional. Com esta atitude um novo significado é obtido, ampliando a ideia de arte trazendo-a mais próxima do cotidiano. Essa operação aparentemente sem sentido tem uma similaridade com a maneira de pensar das crianças, que, por exemplo, a partir de uma garrafa criam um foguete que voa até a lua. Podemos chamar isso de imaginação, palavra chave na apreciação de arte.



3. Lamento sobre o Cristo morto, 1303-5, afresco, 200x185 cm. Capela dos Scrovegni, Pádua, Itália.

O artista florentino Giotto di Bondone (1267-1337) é geralmente considerado o fundador da pintura ocidental influenciando toda uma geração de artistas que começaram o renascimento italiano. Imprimindo uma arte realista e expressiva modifica o estilo bizantino ao iniciar o uso da perspectiva buscando criar uma ilusão de espaço e volume. Com essa técnica de representação, o fundo chapado das obras da antiguidade dá lugar a uma visão tridimensional do espaço na pintura.

Devido ao talento e as inovações de Giotto, o mestre cria uma escola de pintura, possuindo vários discípulos que continuaram seu estilo mesmo depois de sua morte.



Evandro Carlos Nicolau - Educador do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
e-mail: arteptodos@yahoo.com.br

Indicação de sites para consulta:
www.marajoara.com - www.socioambiental.org - www.ibiblio.org